

APRESENTAÇÃO: mobilidade acadêmica, cooperação e formação de professores-pesquisadores*

*Alice Alexandre Pagan
Edson José Wartha*

Não faz muito tempo que descobrimos os caminhos da pesquisa como instrumento de emancipação. Víndos de realidades bastante simples, do meio rural, não nos parecia algo natural a graduação superior, quem diria na pós-graduação. Aliados a nossos esforços pessoais que nos custaram bastante caro em termos de qualidade de vida, tivemos o apoio de professores e professoras com os quais tivemos oportunidade de vislumbrar novas formas de ver o mundo.

A cada encontro com novas ideias, experiências e pontos de vista, vivendo em regiões diferentes do país, Edson no Sul e Alice no Centro Oeste, passávamos por experiências semelhantes de renovação de vínculos com um mundo cada vez mais amplo na produção de conhecimentos ao mesmo tempo em que nos formávamos professor e professora.

Aquela concepção ultrapassada e estereotipada de uma pesquisa solitária por vezes nos ensinada pela mídia e algumas aulas de ciências, aos poucos foi sendo substituída pela prática da pesquisa coletiva e colaborativa, que nos permitia trocas cada vez mais profundas e humanas com colegas e docentes com os quais tivemos oportunidades de dialogar.

Ao nos aproximarmos como colegas de área de ensino, nos departamentos de química e biologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em Itabaiana SE, percebíamos uma realidade bastante parecida com as nossas próprias. O desafio era sem dúvidas promover condições de desenvolvimento humano para professores em formação, que vinham de realidades rurais, de famílias nas quais eles eram os primeiros e primeiras a entrarem no ensino superior.

Na busca por garantir a formação humanizada de pesquisadores professores, ali fundamos o Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências e Matemática (GPEMEC), como estratégia para trazermos maior visibilidade institucional à nossa área interdisciplinar de pesquisa no

*DOI – 10.29388/978-65-81417-68-0-f.11-16

contexto da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde havia um forte desenvolvimento da área de educação que nos reconheceu como área técnica; bem como havia forte desenvolvimento da área técnica (química, física, biologia e matemática) que nos reconheceu como área de educação. Sendo assim, estávamos em um espaço de disputas, com nenhuma visibilidade para o ensino das ciências e da matemática.

De lá para cá, temos galgado nosso espaço com êxito, seja aprovando projetos de pesquisa, ensino e extensão, seja fortalecendo a pós-graduação stricto sensu no campo do Ensino através do mestrado pelo PPGECIMA, como mais recentemente, através da liderança do professor Edson Wartha, aprovando nosso programa de Doutorado em Ensino (RENOEN).

Quando se trabalha atendendo necessidades de comunidades menores, interioranas, promover possibilidades de ampliação de visões de mundo é essencial para o crescimento da pesquisa. No caso da pós-graduação na área da Educação Científica, ainda mais, posto que temos o privilégio de formar pesquisadores que já são professores. Enquanto a maioria dos demais programas recebe bacharéis que se formarão pesquisadores-professores, em nosso campo, estamos ampliando a formação e professores-pesquisadores.

Cabe, portanto, fortalecermos a valoração das raízes culturais dos alunos, alunas e alunes que recebemos, bem como trabalharmos para que eles possam ter contato com outras culturas e visões de mundo.

O que queremos dizer é que nossas preocupações não estão mais apenas na ideia de que formamos profissionais, mas no fato de que lidamos com pessoas em sua inteireza. Sendo assim, não fazemos formação profissional, mas dialogamos com pessoas que trabalham. Isso muda toda a perspectiva de relação, posto que o professor-pesquisador, antes de tudo, tem voz própria, memórias e identidade, sendo estimulado a reconhecer a participação de sua cultura e de seus afetos, no processo de construção do conhecimento, enquanto constroem a si próprios. O centro do processo não é o conhecimento, mas as relações humanas de ensino e de aprendizado.

Nesse sentido, o programa de mobilidade promovido pela CAPES/FAPITEC nos pareceu uma importante oportunidade de criar condições para a oportunidade de nos colocarmos no lugar do outro e ampliarmos nossas visões de mundo, aprendendo sobre novas perspectivas.

Na ocasião da publicação do EDITAL CAPES/FAPITEC/SE Nº 10/2016 PROGRAMA DE ESTÍMULO A MOBILIDADE E AO AUMENTO DA COOPERAÇÃO ACADÉMICA DA PÓS-GRADU-

AÇÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SERGIPE (PROMOB), a professora Doutora Alice Pagan desenvolvia um projeto de Pós-doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), junto aos professores Doutores Nei Nunes Neto e Dália Conrado, que a apresentaram aos professores Doutores Irlan von Linsingen, Patrícia Montanari Giraldi e Suzani Cassiani, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de maneira que eles toparam compor conosco a equipe do projeto desenvolvido por nosso grupo de pesquisa GPEMEC, projeto este que foi submetido sob a coordenação do professor Doutor Edson Wartha, contando ainda com a participação importantíssima dos professores Doutores Erivanildo Lopes da Silva e da professora Yzila Lisiâne Maia de Araújo, componentes do GPEMEC. Nos capítulos de 1 a 3 apresentamos relatos de discentes que participaram da mobilidade acadêmica transitando entre as universidades UFS, UFSC e UFBA.

Inspirados nas escrevivências de Conceição Evaristo, Erivanildo Lopes da Silva e Patrícia Montanari Giraldi, compuseram com os professores mestres Luiz Henrique Barros da Silva, no capítulo 1 e Thayná Souza dos Santos Costa no capítulo 2, escrevivências que fomentaram o debate sobre mobilidade acadêmica como instrumento de formação a partir de referenciais da perspectiva de cooperação sul-sul. O primeiro apresenta uma escrevivência que trata da formação continuada de professores pesquisadores e o segundo sobre as relações entre a mulher e seu próprio chão, refletidas a partir do olhar daquela que sai para mobilidade, mas que o tempo todo está em reflexão sobre o próprio lugar de origem.

No capítulo 3, os professores mestres Yoner Alexander Orozco Marín e Raíza Padilha Scanavaca, dialogam sobre reflexões pessoais e profissionais que foram construídas a partir das provocações que tomaram partido quando estiveram em Aracaju, vindos da pós-graduação da UFSC. Fazem menção ao momento difícil de ataques que temos noticiado à nossa democracia, bem como problematizam a necessidade da fala de si para a transformação da área de ensino de ciências. Apresentam vivências que se conectam a suas histórias e pesquisas nos campos do ativismo étnico racial, indígena e LGBTQIA+.

Nos capítulos 4 e 5 os docentes colaboradores trazem suas reflexões sobre cooperação no processo de construção do conhecimento. O capítulo 04 intitulado “A construção de si e do outro em uma rede colaborativa: experiências nas interações entre professores e estudantes no contexto da pesquisa educacional”, de Dália Melissa Conrado e Nei Nunes-Neto, traz um relato em que descrevem como se deu o engajamento no projeto e de como esta participação foi importante para todos os en-

volvidos, pois possibilitou um espaço de discussões sobre um ensino mais ativo e participativo de ciências e também mais contextualizado por questões éticas, políticas, sociais e ambientais. As afinidades em torno das discussões permitiram um aprofundamento, tanto nas relações afetivas como nas afinidades teóricas em torno das reflexões que forma possíveis no PROMOB no qual todos aprendemos a apreciar, a agradecer e a reconhecer a importância dos compartilhamentos, enquanto agrupamento humano, em direção sempre ao aprimoramento individual e coletivo, a partir da educação.

No capítulo 05 Suzani Cassiani, Patricia Montanari Giraldi e Irlan von Linsingen descrevem a partir do título “Trajetórias do Grupo de Pesquisa DiCITE: Contribuições à Educação em Ciências”, fazem um relato dos seus entrelaçamentos no desenvolvimento de projetos e cooperações dentro e fora do Brasil, bem como as contribuições para a formação de pesquisadores e a educação em ciências de um modo geral. Com os avanços teóricos trazidos por outros referenciais teóricos, como os estudos sociais da ciência e tecnologia e os estudos decoloniais, identificamos mudanças significativas em nossos modos de produzir conhecimento. Consideramos que essas articulações teóricas são fundamentais em nosso trabalho e trazem diferentes possibilidades de contribuição para as pesquisas em educação em ciências, bem como os demais trabalhos que desenvolvemos no contexto desse coletivo de investigação.

A maior parte dos relatos aqui apresentados foram construídos nos encontros desses pesquisadores e os discentes por eles orientados, mas não apenas isso, também convidamos colegas que participam de outro projeto interinstitucional chamado Caravana da Diversidade, que nos permite dialogar com licenciandos brasileiros sobre suas Bionarrativas Sociais (BIONAS), que de maneira bem simples, sem a pretensão de conceituar, podemos caracterizar como vozes da natureza, que atravessam corações e mentes das pessoas que com ela se integram.

Dessa parceria foi produzido o relato do professor Doutor Fábio Augusto Rodrigues e Silva da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). No capítulo 6, com o título “Caravana da diversidade donde qui vem este trem? São fi de quem? Ele procura de forma muito descontraída, procurando incorporar em seu texto a marca de expressões regionais que marcam a diversidade linguística de nosso país, procura contar um pouco sobre um projeto de pesquisa desenvolvido por biólogos e biólogas licenciados e licenciadas de diversas regiões do Brasil. Professores e professoras de universidades federais, que se uniram pelo

amor ao ensino, à formação de professores e à socio biodiversidade brasileira fazem parte dessa história.

Por fim, e não menos importante, acrescentamos o relato da graduanda Laira Paloma Santos Nascimento da UFS e do graduando e do graduando Gledson de Lucas Silva de Jesus, da Universidade Federal do Pará (UFPA), que nos inspiraram a partir de seus encontros consigo mesmos, através do diálogo sobre escrevivências. Textos tão potentes que não poderíamos deixar de publicar aqui, considerando a proposta do livro em evidenciar afetos e ideias das vivencias daqueles que se encontram para construir conhecimentos. Na verdade, construir-se pessoas que realmente estão prontas para conhecer (se).

No capítulo 7, Lucas Silva de Jesus descreve sua trajetória na formação inicial como professor de biologia que se emancipa à medida que comprehende e aceita processos relacionados à própria sexualidade como homem homossexual. Debate sobre as opressões sofridas e as potências construídas nessa viagem de encontrar consigo mesmo. Ele conheceu a professora Alice Pagan quando ela esteve em Santarém por ocasião de um evento da Caravana da Diversidade há cerca de três anos, dialogando com ela desde então, na produção do relato aqui incorporado. Ele trata de como recuperou a autoimagem como professor gay, depois de ter tentado suicídio por conta de violências sofridas em seu processo de escolarização.

No capítulo 08, Laira Paloma Santos Nascimento traz sua história como mulher, negra e pobre. Ela havia inspirado o professor Edson, durante uma disciplina no curso de licenciatura em Química, com esse potente texto chamado de “Encruzilhada negra: encontros, experiências e empoderamento”, de maneira que a mesma foi convidada a compor conosco esse livro que trata dos encontros. Laira nos conta sua trajetória marcada por anseios, sonhos, expectativas e realidades duras, muitas vezes cruéis. Sua trajetória marcada pela falta de oportunidades, marcada falta de ter seus direitos respeitados, marcada pelo preconceito e, principalmente pela falta de esperança. Encruzilhar a vida, também significa falar do auto preconceito. É um sentimento velado, no qual criamos mecanismos de defesa e de negação de quem somos, de onde viemos e de nosso povo. Sentir vergonha de quem somos, nos negar o direito de sermos, de sonharmos, de lutarmos e de termos esperança. Encruzilhar a vida é refletir sobre nossos caminhos, nossas escolhas, de pessoas que cruzam, que marcam e àquelas que acima de tudo não nos deixaram perder a esperança.

Nossa expectativa é que esta leitura possa inspirar leitores a pensarem a formação acadêmica sob o ponto de vista da inteireza humana, como instrumento de amadurecimento não apenas intelectual, mas também afetivo, político, social e ético. Desejamos a todos uma ótima viagem pelos capítulos que seguem e que o final dessa jornada seja o encontro com novos pontos de partida para nos tornarmos pessoas melhores, capazes de nos colocarmos no lugar do outro, sem precisarmos abandonar nosso próprio lugar.